



Na imagem de fundo, mesa BNU e cadeira Superligeira, foto original do projeto BNU de 1963. Em cima, foto original do projeto hotel PENTA de 1971. Ao centro, galeria do Atelier Daciano da Costa. Em baixo, linha *Quadratura*, mesa e cadeira *Quadratura*, modelação 3D da reedição do projeto do Centro de Documentação do LNEC (1971-72) e do CCB (1990).



## A herança da criatividade

Daciano da Costa descrevia o *design* como algo “efêmero e teatral”. Mas a obra que deixou nada tem de efêmera. A sua intemporalidade é por demais evidente. E a prova de que a criatividade pode ser um produto familiar está no Atelier Daciano da Costa.

Por Maria Nunes.

**D**aciano da Costa (1930-2005), “pai do *design* português”, foi também pai de cinco filhas. Uma delas, Inês Cottinelli, está agora à frente do Atelier Daciano da Costa, que expõe e reedita peças originais do seu largo espólio, com o intuito de dar a conhecer o legado do artista. Arquiteto, “defensor militante do *design*”, professor, pintor, a sua obra tem uma importância que transcende fronteiras e que em muito contribuiu para criar “uma paisagem moderna em Portugal.” No território nacional, é possível encontrar a memória de Daciano em edifícios como a Fundação Calouste Gulbenkian ou o Centro Cultural de Belém. Também já chegou a Paris e está a caminho de Nova Iorque. Um mundo de possibilidades infinitas, deixado por um criador inigualável, que transmitiu o gosto pela curiosidade e o apreço pelo génio a toda a sua família. Em conversa com a Vogue, Inês Cottinelli assume que cresceu num mundo criativo, emotivo, cheio de cor. Hoje, trabalha para manter vivo o património do pai, e para inspirar as futuras gerações de criadores a superarem-se a si próprias. Tal como ele fez. **O seu pai dizia que “a arquitetura é para as pessoas viverem”. Qual a sua relação com esta definição?** O historiador Rui Afonso Santos dizia que o trabalho do meu pai tinha uma consciência ética fortíssima e a noção de desempenho social. O meu pai via o *design* como um veículo de transformação social. Ele dizia que o *design* existia para mudar o mundo. Ele achava que os objetos só terminavam com o uso e a fruição de cada um de nós. A arquitetura era, para ele, a interdisciplinaridade entre o espaço exterior e o interior. **Decidiu enveredar pelo mundo da arquitetura por influência direta do seu pai? Como estabeleceu a sua relação pessoal com esta área?** Sou uma de cinco irmãs, e sou paisagista. Tinha uma relação de grande proximidade com o meu pai em temas que diziam respeito ao campo. E entrei em arquitetura paisagista justamente porque havia essa vontade do espaço exterior, da arquitetura da terra. Pus o pé na arquitetura sempre no sentido dessa relação com a paisagem. Todas as definições vêm de forma intuitiva e emotiva, não tanto racional. E tive a sorte de ter essa convivência natural e herança cultural.

**Como surge a vontade de continuar o legado do seu pai?** Eu não concordava com a dissociação da sociedade sem antes “arrumar a casa.” Queria perceber se havia um novo rumo a dar àquela sociedade. Que era, apesar de tudo, uma referência e um nome do *design* português do século XX. E assumi a liderança de comunicar e

valorizar a obra do meu pai. Registei a marca Daciano da Costa como marca de *design*, com a assinatura do meu pai. Comecei a perceber a sua obra muito mais em detalhe. Tenho vindo a conhecê-lo muito melhor desde que ele nos deixou e que comecei este projeto, em 2013.

**O que faz o Atelier Daciano da Costa?** Temos um espaço expositivo, um espaço de trabalho e um espaço para receber as pessoas. Este projeto passa pela área institucional, ou seja, explicar onde está a obra de Daciano. Era fundamental arrumar a obra. Alguma parte do arquivo já está classificada e disponível para quando preciso de a consultar. Depois foi necessário estabelecer e manter os contactos com as instituições que apostaram na obra de Daciano, como a Fundação Calouste Gulbenkian e o CCB. E a componente humana, as pessoas vão dando rumo e são essenciais para valorizar a obra. Estamos cá para ouvir, receber e perceber se é necessário

recuperar, reparar, divulgar. A comunicação é a base. O meu pai trabalhou muito, tem uma obra extensíssima, mas a comunicação era zero. Estávamos na proporção inversa.

**Como vê esta experiência de influenciar outros artistas?** Era essencial perceber como é que outros profissionais reinterpretem Daciano. Foi um fio condutor importantíssimo para o nosso projeto. Perceber que estes objetos podem viver noutros ambientes que não aqueles que foram projetados pelo Daciano. Ver peças do Daciano a povoarem os universos das pessoas é a componente afetiva e um dos motores deste projeto. Para as gerações mais novas, se eu não fizer esse trabalho de comunicação, não vão saber quem foi, nem a importância que teve. Há uma vontade de trazer esse universo de alunos e colaboradores para aqui. Queremos que seja um ambiente criativo e que seja inspirador para novas gerações de *designers*. Preciso de um veículo que me eternize o espólio, tem de viver por si só e tornar-se uma fundação. É um sonho que tenho.

**Agora que a coleção de Daciano da Costa integra museus internacionais, o que**

**espera para o futuro da obra de Daciano?** Eu queria muito que a obra de Daciano estivesse em dois museus lá fora, que eram dois museus que o meu pai dizia que eram os museus de referência para ele. Eram o Centre Pompidou e o MOMA. E em 2015 entrou na coleção permanente do Pompidou. A entrada no MOMA foi adiada devido à pandemia, mas continuamos a trabalhar. Essa comunicação faz parte de uma lógica curatorial de comunicar com uma seriedade de não desvirtuar as intenções do autor sobre certa intervenção. Vamos continuar a melhorar o *website* e lançar a loja *online*.

**“Defendo que ensinar é um ato criativo”, afirmou o seu pai em 1998. Sendo a criatividade o tema desta edição, como é que a definiria? O que significa a criatividade para si?** Criatividade é a ação mental e manual de criar qualquer coisa. Para mim a criatividade representa qualquer coisa espontânea. Teria de ser resultado

de tudo aquilo que é a inspiração. A criatividade é o motor da nossa vida. Não é possível criatividade racional, eu não a entendo assim. No minuto em que se está a pensar que se tem de ser criativo, não se é. É uma atitude.

**O seu pai foi uma das pessoas mais criativas da sua geração. Como é que ele era enquanto pessoa criativa? Como era o seu processo de criação?** O processo era completamente manual, era desenhar. Ele dizia que desenhar era a única forma de pensar. A sua inspiração eram as viagens, ele não tirava fotografias, ele usava o desenho como forma de ver. Desenhar trazia-lhe uma dimensão única. Ele dizia que as pessoas só podem fazer bem aquilo que fazem todos os dias. E tinha muito que trabalhar porque tinha uma família, isso também era um motor para o meu pai. A sua criatividade vinha dos dois lados. Acredito que ele começava por pensar no todo e não fazer uma dissociação do que eram as várias disciplinas.

**O seu pai incentivava o lado criativo em si? O que é que ele lhe ensinou?** Raramente falava de si e do seu trabalho. Falava das suas viagens de trabalho, trazia-nos sempre recordações e objetos de artesanato que eram importantes para ele, e fazia-nos tocar uma cultura. Ele nunca impôs a arquitetura. Tivemos liberdade e autonomia. Crescemos com isso. A única vez que ele me disse não foi quando eu achava que ia ser escultora. Ele tinha medo que com essa escolha fosse mais difícil ser independente. Ele incentivava muito o lado criativo, mas também tinha essa cautela. Só tinha filhas e tinha essa preocupação de nos deixar com as ferramentas necessárias para sermos auto-suficientes e livres. Ele acreditava muito em nós, dizia que o mundo das mulheres era muito mais engraçado e criativo.

**Como é a sua relação com a criatividade, como é o seu processo criativo individual?** Eu tinha vontade de juntar aquilo que pensava de escultura. Era uma coisa que fazia parte do meu dia a dia desde pequena. E era muito incentivada pelo pai, para essa manualidade. A forma de criar e a minha criatividade também vinham dessa ponte que estabeleci entre a arquitetura e a paisagem, porque não conseguia separar uma coisa da outra. Tinha essa vontade de criar espaços orgânicos. No entanto, também há a parte criativa de ser mãe. São várias as frentes criativas.

**Sente que de alguma forma tinha dificuldade em criar uma identidade artística própria, sem influências da sua família?** Foi muito fácil criar a minha própria identidade. A procura do excepcional pode resultar desastrosa, essa pressão de criar para

**"A CRIATIVIDADE É O MOTOR DA NOSSA VIDA. NÃO É POSSÍVEL CRIATIVIDADE RACIONAL, EU NÃO A ENTENDO ASSIM. NO MINUTO EM QUE SE ESTÁ A PENSAR QUE SE TEM DE SER CRIATIVO, NÃO SE É. É UMA ATITUDE."** Inês Cottinelli

ser excepcional. O trivial pode ser igualmente fantástico. A vontade de criar é perceber quais são as necessidades. O motivo não podemos ser nós, isso está errado. O meu maior ato criativo foi ter decidido avançar com este projeto em 2013. Todos os dias me sinto com vontade de criar e de viabilizar essa criação em novas gerações de *designers*.

**Como se sentia enquanto filha do Daciano da Costa? Sentia uma pressão acrescida?** Todas sofríamos do mesmo: filho de peixe sabe nadar. Havia essa componente genética e podíamos valorizar ou não. O meu pai dizia para nunca se "encostarem à bananeira", ou "têm de ser sérias com o vosso trabalho." Essa seriedade e esse rigor eram às vezes cansativos. Ele era uma pessoa intensa. Lembro-me de o meu pai nos fazer exercícios em que tínhamos de desenhar com um motivo. Habitámo-nos a desenhar os pensamentos. E aí havia um pouco a questão de quem é que ia criar o melhor desenho. São momentos criativos de família.

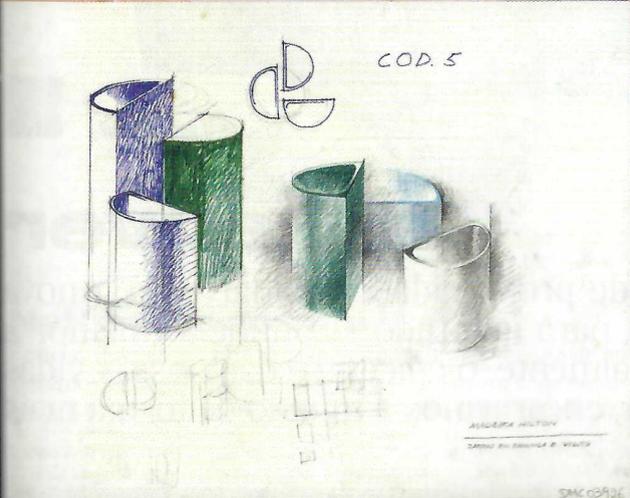
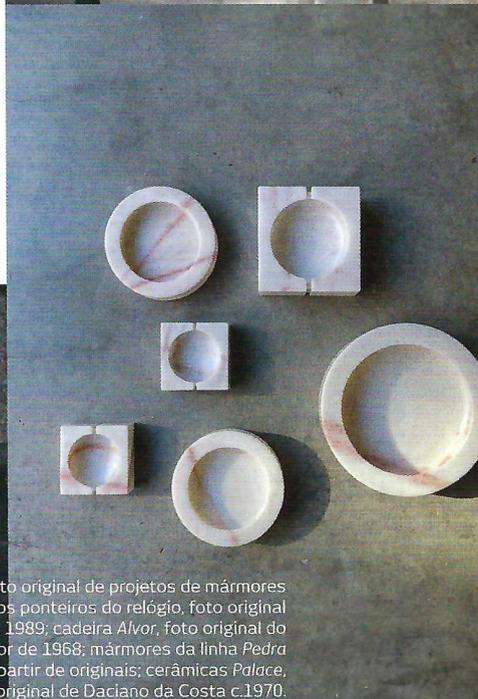
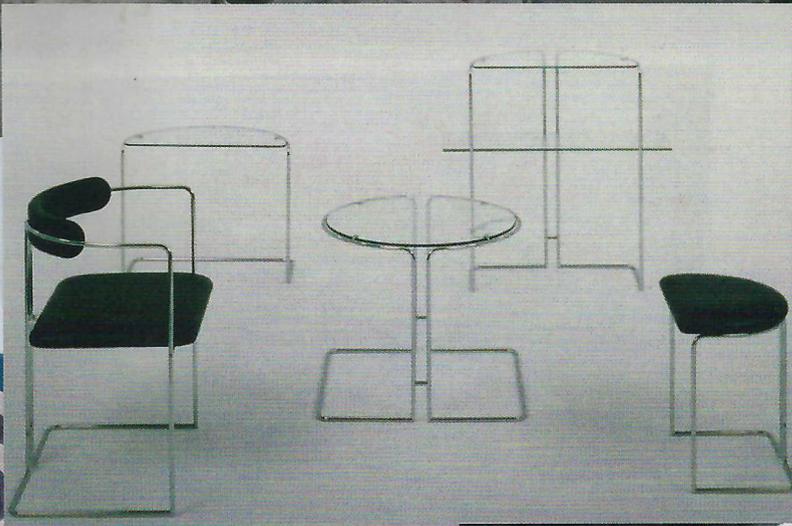
**De que forma estar tão envolvida na obra de Daciano da Costa influenciou o seu percurso profissional?** Influenciou muito. Essa paleta

de cores com que convivemos, e os materiais. A intemporalidade do *design* do meu pai existe e está à vista. Lembro-me das cores do Hotel Alvor me terem influenciado, que eram as cores dos barcos. Nas nossas viagens de carro, tínhamos dissertações sobre a cor, a luz, a arquitetura, a paisagem, sobre tudo. Tínhamos essa sorte. E estão lá, gravadas. Esse sentido crítico e estético, do material, estrutura e textura.

**Sendo uma pessoa criativa, como é que este novo confinamento tem afetado a sua produção artística?** Nesta segunda etapa, talvez tenha afetado mais a criatividade, focámo-nos mais no trabalho de fundo e que não exige tanto essa criatividade. Há uma maior oportunidade de ter tempo de pensar. Dá-nos tempo de leitura, de refrescar memória, de introspeção. Dá-nos outro tempo que nós não sabíamos que existia. ●

English version





Na imagem de fundo, foto original de projetos de mármore de 1964; No sentido dos ponteiros do relógio, foto original linha *Quadratura* de 1989; cadeira *Alvor*, foto original do projeto Hotel Alvor de 1968; mármore da linha *Pedra Estremoz*, reedição a partir de originais; cerâmicas *Palace*, desenho original de Daciano da Costa c.1970.